AVALIAÇÃO DO POTENCIAL DE GERMINAÇÃO DO GRÃO DE TRIGO NA ESPIGA EM DIFERENTES VARIEDADES

Darliana Mello Souza[1], *Eloá Maria Mattei Durigon*[2]

O trigo, entre os cereais é uma cultura de especial importância, por estar diretamente relacionada ao consumo humano, seja na forma tradicional mais conhecida como pães, seja na constituição de outros produtos tais como massas, bolachas, bolos entre outros. Existe uma grande necessidade de que se busque melhor qualidade para os grãos produzidos. Um dos problemas que afetam diretamente a qualidade do trigo é a germinação do grão ainda na espiga ou também conhecida como germinação pré-colheita, que é decorrente de chuvas por ocasião da colheita, que podem levar uma cultivar de trigo a iniciar o processo germinativo. A umidade neste estágio traz como conseqüência a deteriorização do grão em níveis que podem comprometer a sua utilização industrial, pois com o início da germinação, ocorre o aumento na atividade das enzimas alfa-amilases. Esse acréscimo provoca a sacarificação das moléculas de amido durante o processo de fabricação de pão, resultando em pães com textura interna pegajosa e úmida. É um problema que acarreta prejuízos tanto para o produtor quanto para a indústria. Tendo em vista a importância de se produzir bons grãos para que se obtenha um produto final com alto padrão de qualidade e rendimento têm-se como objetivo avaliar entre as principais variedades plantadas no Rio Grande do Sul, quais apresentam menor potencial para germinar na espiga diante de fatores que venham a favorecer o inicio do processo germinativo foi conduzido um experimento com 9 variedades distintas. Os testes foram realizados nos laboratórios de Qualidade de Trigo e Análise de Sementes da Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa – FUNDACEP, localizada na cidade de Cruz Alta – RS. O método utilizado consistiu na coleta de espigas na época correspondente ao ponto normal da colheita,sendo que as espigas para a realização dos testes foram provenientes da safra de 2006, dos ensaios do Experimental de Trigo, também da FUNDACEP. Os cultivares utilizados foram: FUNDACEP NOVA ERA, FUNDACEP 40, FUNDACEP 50, CD 114, CD 115, PAMPEANO, ÔNIX, SAFIRA e SB 03-13, sendo que para cada variedade utilizadas dez espigas, por repetição, em um total de quatro repetições. As espigas foram submetidas a um banho de imersão em água, por um período de dezesseis horas, em condições ambientais de laboratório. Após esse período, foram retiradas da água e postas a secar sobre papel toalha, durante seis horas. Posteriormente, as espigas foram submetidas a uma pulverização com fungicida para evitar o desenvolvimento de fungos no decorrer do teste. As amostras foram enroladas em papel germitex umedecido em água destilada. Procedimento similar à condução de um teste de germinação. As amostras foram mantidas em condições de germinador tipo Magelsdorf, com temperatura de 20°C e cerca de 100% de umidade relativa durante dez dias. Ao fim desse período, procedeu-se imediatamente a contagem. Foram consideradas como germinadas as sementes que apresentaram qualquer sinal visível de desenvolvimento dos primórdios vegetativos. Os resultados obtidos expressaram a porcentagem de sementes germinadas em relação ao número total, computando-se a média das quatro repetições, onde classificou-se em resistente – R – (0 a 25%); moderada resistência – MR – (26% e 50 %);

moderada suscetibilidade – MS – (51% a 75%) e suscetível – S – (76% a 100%). Dentro dessa padronização, enquadrou-se como apresentando moderada resistência as variedades: FUNDACEP 40, CD 114, PAMPEANO, FUNDACEP NOVA ERA, SAFIRA Já ÔNIX, CD 115, SB 03-13, FCEP 50 apresentaram moderada suscetibilidade. Nenhuma das variedades destacou-se, nem positivamente como resistente, nem negativamente como suscetível. Diante dos resultados alcançados pode-se concluir que a cultivar FUNDACEP 40 foi a que se apresentou, dentre as cultivares analisadas, o menor valor de potencial para germinar na espiga, no entanto não apresentando diferença significativa diante das demais também apresentaram moderada resistência.

1 Acadêmica do Curso de Química da Unicruz. E-mail: darlianna@ibest.com.br
2 Acadêmica do Curso de Agronomia da Unicruz. E-mail: eloazinha.eloazinha@hotmail.com